

O impacto do

# racismo na infância

**RACISM** 



unicef 

**Seria possível uma  
infância sem racismo?**

**Seria possível termos todas  
as crianças de até 1 ano  
de idade sobrevivendo?**

**Seria possível um Brasil  
com todas as crianças  
– sem faltar nenhuma delas –  
tendo seu nome de família  
assegurado no registro civil  
de nascimento?**

**Seria possível termos todas as crianças  
– sem faltar nenhuma delas –  
com acesso a educação integral?**

**Seria possível termos todas  
as crianças livres dos efeitos  
da discriminação racial?**

**O** Brasil tem feito progressos significativos na melhoria da vida de suas crianças. Reduziu os índices da mortalidade infantil, o número de famílias que vivem com renda inferior a um dólar; melhorou e intensificou as políticas de ensino e de assistência às famílias. Contudo, isso ainda não está acontecendo para todas as crianças que vivem no País, especialmente quando observamos a situação de meninas e meninos indígenas e negros. Dentro de uma perspectiva de direitos humanos, essa igualdade é fundamental para que todos se beneficiem igualmente dos progressos alcançados.

Essas crianças e adolescentes ainda vivem em contextos de desigualdades. São vítimas do racismo nas escolas, nas ruas, nos hospitais ou aldeias e, às vezes, dentro de suas famílias. Deparam-se constantemente com situações de discriminação, de preconceito ou segregação. Uma simples palavra, um gesto ou um olhar menos atencioso pode gerar um sentimento de inferioridade, em que a criança tende, de forma inconsciente ou não, a desvalorizar e negar suas tradições, sua identidade e costumes.

O racismo causa efeitos.



UNICEF/BRZ/João Ripper

O racismo causa impactos danosos do ponto de vista psicológico e social na vida de toda e qualquer criança ou adolescente. A criança pode aprender a discriminar apenas por ver os adultos discriminando. Nesses momentos, ela se torna vítima do racismo. A prática do racismo e da discriminação racial é uma violação de direitos, condenável em todos os países. No Brasil, é um crime inafiançável, previsto em lei.

Essa é uma situação que preocupa o UNICEF, uma vez que compromete o desenvolvimento pleno da maioria das crianças e adolescentes no Brasil. **Existem cerca de 57 milhões de crianças e adolescentes no Brasil**, e sabemos que nenhum deles nasceu discriminando, seja por cor, raça ou etnia. Crianças são criativas quando estão aprendendo, e nós, adultos, devemos estimular esse potencial criativo.

Por isso, o UNICEF lança uma campanha que faz um alerta sobre os impactos do racismo na vida de milhões de crianças e adolescentes brasileiros e **convida cada um a fazer uma ação por uma infância e adolescência sem racismo.**

Estudos na área de educação infantil revelam que, ainda na primeira infância, a criança já percebe diferenças na aparência das pessoas (cor de pele, por exemplo). A responsabilidade dos adultos é muito importante nesse momento, evitando explicações ou orientações preconceituosas.

Não importa se uma criança é negra, branca ou indígena. Qualquer criança ao conviver em uma realidade de desigualdade e de discriminação tem a ilusão de que negros, brancos e indígenas devem ocupar necessariamente lugares diferentes na sociedade. Seja diante da TV, nas escolas, ou em histórias infantis, as crianças vão se desenvolvendo com imagens retorcidas de papéis e lugares segundo cor de pele ou aparências.

Por essa razão, uma criança pode achar “desvantajoso” ter nascido negra ou indígena ou pertencer a um grupo étnico-racial mais discriminado. Os efeitos disso são a negação e o esquecimento de suas histórias e culturas. Portanto, nosso compromisso é construir um lugar justo, igual e sem discriminação para nossas crianças.

O Brasil tem exemplos de ações de solidariedade e de respeito às diferenças que precisam ser expandidos e disseminados. O UNICEF quer colaborar com o governo e com a sociedade para ampliar o alcance dessas boas experiências que visam minimizar os impactos do racismo sobre a infância, contribuindo para uma sociedade mais democrática.

CONHEÇA ALGUNS INDICADORES »

## Como vivem as crianças e adolescentes negros e indígenas?

GRÁFICO 1 – NÚMERO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES INDÍGENAS E NEGROS NO PAÍS



No Brasil, vivem 31 milhões de meninas e meninos negros e 140 mil crianças indígenas. Eles representam 54,5% de todas as crianças e adolescentes brasileiros<sup>1</sup>.

### Pobreza

Vinte e seis milhões de crianças e adolescentes brasileiros vivem em famílias pobres. Representam 45,6% do total de crianças e adolescentes do País. Desses, 17 milhões são negros. Entre as crianças brancas, a pobreza atinge 32,9%; entre as crianças negras, 56%. A iniquidade racial na pobreza entre crianças continua mantendo-se nos mesmos patamares: uma criança negra tem 70% mais risco de ser pobre do que uma criança branca<sup>2</sup>.

### Mortalidade infantil entre as crianças indígenas

No Brasil, apesar de todos os esforços que asseguraram uma taxa de mortalidade infantil em torno de 19 mortes para cada mil crianças nascidas vivas, a taxa de mortalidade infantil indígena ainda representa um sério problema de saúde pública. Em 2009, relatório oficial da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) revelou a taxa de 41,9 mortes infantis para cada mil crianças indígenas nascidas vivas. Embora esse dado reflita uma forte tendência de queda desde 2000, ele representa valores acima da população em geral<sup>3</sup>.

1 IBGE, Pnad 2009. Crianças – população de até 17 anos.

2 IBGE, Pnad 2009. Crianças pobres – população de até 17 anos vivendo em famílias com rendimento mensal familiar per capita de até 1/2 salário mínimo.

3 Funasa. Vigilância em saúde indígena: dados e indicadores selecionados. 2010. Brasília: Funasa, 2010. p 96: II.

## O acesso à escola

Uma criança indígena entre 7 e 14 anos tem quase três vezes mais chance de estar fora da escola do que uma criança branca na mesma faixa etária; e uma criança negra entre 7 e 14 anos tem 30% mais chance de estar fora da escola do que uma criança branca na mesma faixa etária.<sup>4</sup>



Das **530** mil crianças de 7 a 14 anos fora da escola, **330** mil são negras e **190** mil são brancas.

## Adolescência

Na adolescência, algumas das maiores violações são os homicídios, a exploração sexual nas grandes cidades e os suicídios nas aldeias indígenas. Segundo o estudo realizado sobre o Índice de Homicídio na Adolescência (IHA) – uma parceria entre Laboratório de Análise da Violência, UNICEF, SEDH e Observatório de Favelas –, o risco de ser assassinado é 2,6 vezes maior para os adolescentes negros em comparação aos brancos<sup>5</sup>, nas grandes e médias cidades brasileiras, com população acima de 100 mil habitantes.

Os suicídios ainda são uma importante causa de mortalidade entre a população indígena. Entre todos os óbitos registrados na população de crianças, adolescentes e jovens (0 a 24 anos) indígenas, 5,8% foram óbitos por suicídio – o que equivale ao triplo da proporção de suicídios entre a população branca, em que esse valor é de 1,9%. O número de óbitos por suicídio entre a população indígena, embora pequeno em termos absolutos quando comparado aos registros encontrados nas populações brancas e negras, vem crescendo ao longo do tempo. Em 5 anos, entre 2003 e 2008, esse número cresceu 14,8%; entre a população branca, caiu 2,7%.<sup>6</sup>

No tema da exploração sexual, as vítimas desse tipo de crime, em sua grande maioria, são adolescentes entre 15 e 17 anos de idade, quase sempre negras ou indígenas.<sup>7</sup>

4 IBGE/Pnad, 2009.

5 Laboratório de Análise da Violência – LAV/Uerj – Sobre dados do SIM/Datasus – MS. 2006.

6 MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM/ 2003-2008.

7 Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres e Crianças para Fins Sexuais (Pestraf), 2001.



Trata-se de uma  
Ação em Rede  
que pretende  
influenciar mudanças  
de atitude e alcançar  
diferentes espaços  
e ambientes.

## Como é a Campanha de Mobilização Social?

**É** uma iniciativa do UNICEF e de seus parceiros que faz um alerta à sociedade sobre os impactos do racismo na infância e adolescência e a necessidade de uma mobilização social que assegure o respeito e a igualdade étnico-racial desde a infância. Visa colaborar com as iniciativas de redução das disparidades raciais e estimular aquelas de valorização da diversidade com equidade.

A campanha desenvolve um conjunto de estratégias que têm como objetivo rever imaginários e promover mudanças que ajudem a eliminar atitudes discriminatórias, que, por gerações, vêm exercendo efeitos danosos na formação e afirmação da identidade da criança e do adolescente indígenas, negros e brancos.

Trata-se de uma **Ação em Rede** que pretende influenciar mudanças de atitude e alcançar diferentes espaços e ambientes: os espaços familiares, onde a criança pequena inicia sua aprendizagem; os espaços escolares, onde ela aprende a convivência comunitária; os ambientes de trabalho, onde adultos podem demandar práticas cotidianas de respeito à diversidade e também influenciar relações mais respeitadas entre as próprias crianças e adolescentes.

Para alcançar esses objetivos, a campanha lança as **10 maneiras de contribuir para Uma Infância sem Racismo**. O propósito é oferecer sugestões sobre o que cada um pode fazer para reduzir o impacto do racismo na infância e na adolescência.

Cada pessoa ou parceiro pode aderir à campanha mobilizando-se dentro de sua comunidade e redes, com ideias e iniciativas. Com base no mote dos recursos desenvolvidos pela campanha, cada um pode criar suas próprias peças de mídia e de sensibilização. Pode também apoiar projetos sociais de promoção da equidade étnico-racial para crianças e adolescentes. Ou ainda reproduzir os materiais de acordo com as necessidades. A ideia é dar conhecimento e visibilidade sobre o que cada um está fazendo **para garantir Uma Infância sem Racismo**.

A campanha prevê ainda a composição de um Conselho Consultivo composto por personalidades de referência na sociedade brasileira comprometidas com o tema da equidade racial. O Conselho terá a missão de acompanhar os rumos da campanha que tem como metas centrais contribuir para redução das desigualdades nos indicadores entre crianças brancas, negras e indígenas; e para o aumento do respeito e valorização das diferenças na sociedade.



## Por que mobilizar a sociedade em torno desse tema é importante?

Diversidade étnico-racial entre as crianças deve ser motivo de orgulho – e não razão para discriminação. Se a diversidade humana deve ser celebrada, por que crianças que nascem diferentes não alcançam os seus direitos na mesma velocidade? Por que as diferenças fazem diferença na hora de assegurar direitos?

Chamar a atenção sobre os impactos do racismo na formação de uma criança é reconquistar os valores e as atitudes que possibilitam o reconhecimento da riqueza da diversidade brasileira; e de como essa riqueza tem valor como bem imaterial para nossas crianças e adolescentes, gerando uma sociedade mais justa.

O Brasil tem desenvolvido muitas ações relevantes em favor da criança, mas a distância entre a política pública e as crianças indígenas, brancas e negras é muito grande e persiste há muitos anos. Precisamos pensar mais sobre por que essas distâncias não diminuem apesar das políticas? E refletir sobre como nossas crianças estão se desenvolvendo sob a naturalização do racismo. Para fazer acontecer a igualdade é preciso olhar de frente essa questão e dar o valor devido à diversidade.

Crianças e adolescentes têm o direito a conhecer e valorizar os diferentes modos de agir, de pensar, de ver o mundo e de aprender a se relacionar com o outro. Crianças também têm o direito de ser reconhecidas em suas identidades e de desenvolver a sua autoestima e seus valores como grupo étnico ou histórico. Dessa forma, tecidos sociais de igualdade tendem a ser mais fortes e reais.

## Quanto custa para nós o racismo?

Cálculos econômicos produzidos nos últimos anos mostram que, para superar os atuais indicadores de desigualdades raciais na população brasileira, seriam necessários R\$ 67,2 bilhões, investidos em curto prazo.<sup>8</sup> Com esses recursos, seria possível equalizar os indicadores de educação, habitação e saneamento, e como consequência desencadear um processo de equilíbrio na igualdade de acesso aos serviços para os diferentes grupos da sociedade. Esse valor pode ser revertido em ações comprometidas com a cidadania e com a ética, que buscam a promoção da igualdade étnico-racial, resultando em efeitos positivos na educação de crianças e adolescentes.

<sup>8</sup> Theodoro, Mario L. "O Custo do Racismo" in "O Compromisso das empresas com a promoção da igualdade racial". Instituto Ethos. 2006, p. 54.

Precisamos pensar mais sobre por que essas distâncias não diminuem, apesar das políticas.

UNICEF/BRZ João Ripper

## Seria possível termos todas as crianças livres dos efeitos da discriminação? Depende de nós.

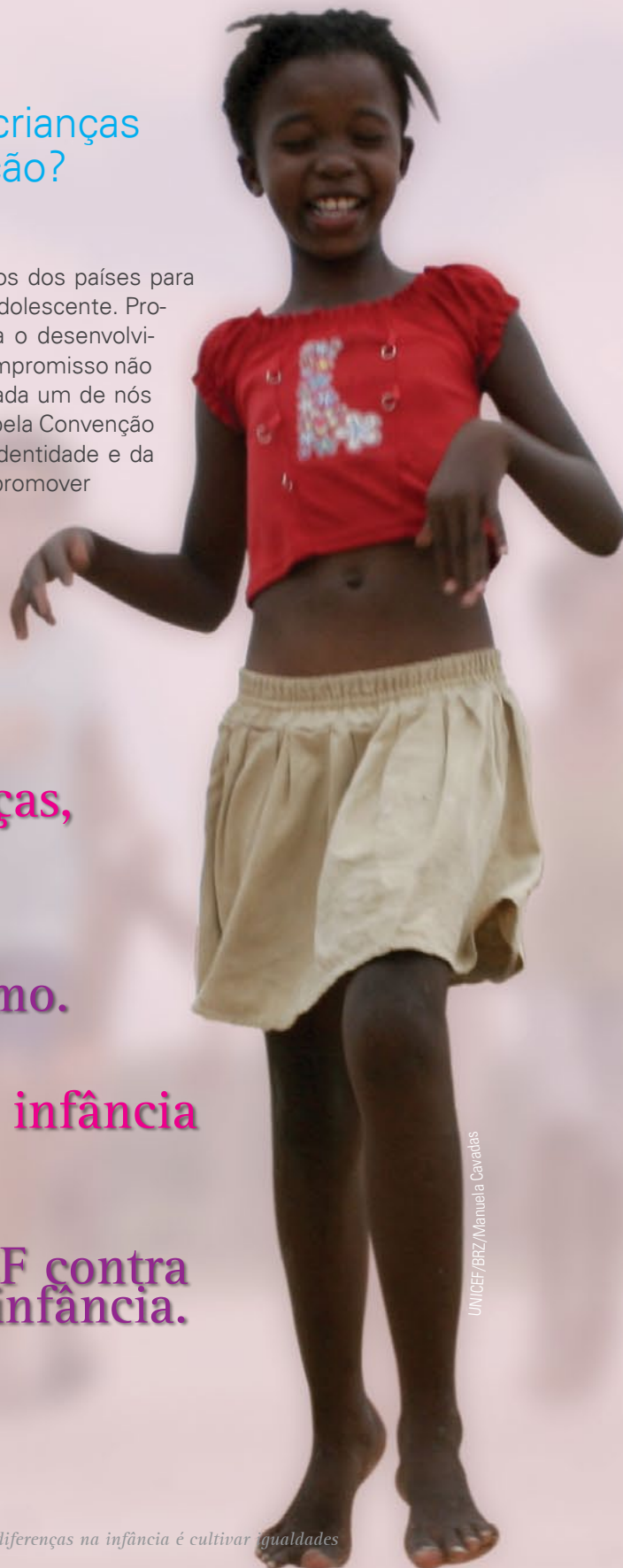
O UNICEF tem como missão colaborar com os governos dos países para que assegurem direitos iguais para cada criança e cada adolescente. Promover a equidade racial é de extrema importância para o desenvolvimento social e econômico de um país. Trata-se de um compromisso não só dos governos, mas também de toda a sociedade. Cada um de nós pode unir os princípios da não discriminação defendidos pela Convenção sobre os Direitos da Criança e lutar pela afirmação da identidade e da garantia dos direitos de todos. Enfrentar o racismo e promover a diversidade é o papel de cada um de nós. Participe desta campanha!

**Em um mundo de diferenças, enxergue a igualdade.**

**Por Uma Infância e Adolescência sem Racismo.**

**Valorizar as diferenças na infância é cultivar igualdades.**

**Uma campanha do UNICEF contra o impacto do racismo na infância.**



UNICEF/BRZ/Mamuela Cavadas

## 10 maneiras de contribuir para Uma Infância sem Racismo

1. Eduque as crianças para o respeito à diferença. Ela está nos tipos de brinquedos, nas línguas faladas, nos vários costumes entre os amigos e pessoas de diferentes culturas, raças e etnias. As diferenças enriquecem nosso conhecimento.
2. Textos, histórias, olhares, piadas e expressões podem ser estigmatizantes com outras crianças, culturas e tradições. Indigne-se e esteja alerta se isso acontecer – contextualize e sensibilize!
3. Não classifique o outro pela cor da pele; o essencial você ainda não viu. Lembre-se: racismo é crime.
4. Se seu filho ou filha foi discriminado, abrace-o, apoie-o. Mostre-lhe que a diferença entre as pessoas é legal e que cada um pode usufruir de seus direitos igualmente. Toda criança tem o direito de crescer sem ser discriminada.
5. Não deixe de denunciar. Em todos os casos de discriminação, você deve buscar defesa no conselho tutelar, nas ouvidorias dos serviços públicos, na OAB e nas delegacias de proteção à infância e adolescência. A discriminação é uma violação de direitos.
6. Proporcione e estimule a convivência de crianças de diferentes raças e etnias nas brincadeiras, nas salas de aula, em casa ou em qualquer outro lugar.
7. Valorize e incentive o comportamento respeitoso e sem preconceito em relação à diversidade étnico-racial.
8. Muitas empresas estão revendo sua política de seleção e de pessoal com base na multiculturalidade e na igualdade racial. Procure saber se o local onde você trabalha participa também dessa agenda. Se não, fale disso com seus colegas e supervisores.
9. Órgãos públicos de saúde e de assistência social estão trabalhando com rotinas de atendimento sem discriminação para famílias indígenas e negras. Você pode cobrar essa postura dos serviços de saúde e sociais da sua cidade. Valorize as iniciativas nesse sentido.
10. As escolas são grandes espaços de aprendizagem. Em muitas, as crianças e os adolescentes estão aprendendo sobre a história e a cultura dos povos indígenas e da população negra; e como enfrentar o racismo. Ajude a escola de seus filhos a também adotar essa postura.

Participe desta campanha e contribua para Uma Infância sem Racismo. Acompanhe o tema da redução do impacto do racismo na infância e na adolescência por meio do [www.unicef.org.br](http://www.unicef.org.br) ou siga o UNICEF no Twitter: @unicefbrasil. Divulgue para os seus amigos! Valorizar as diferenças na infância é cultivar igualdades!





[www.unicef.org.br](http://www.unicef.org.br)

Valorizar as diferenças na infância é cultivar igualdades